

Edwin ataca partido no poder

Frelimo abocanhou e privatizou o país a seu favor

O Jornalista moçambicano Edwin Hounou considera que no Moçambique de hoje, quem ganha uma eleição fica com tudo, abocanha o poder legislativo, executivo e judicial e, quem perde fica sem a dignidade, arremessado para a caixa da pobreza e vira cidadão menos importante ante os olhos do “vencedor”.

Texto: Redacção

Segundo o jornalista, a Frelimo abocanhou as riquezas nacionais para si e privatizou o país a seu favor. “Quem promove a guerra e a instabilidade política é a Frelimo que não tolera a diferença. Apesar da aparente abertura com os acordos de paz de Roma (1992), a postura dos dirigentes da Frelimo não melhorou, nem admitem uma convivência pacífica entre o pensar diferente”, disse.

Para Edwin, na Frelimo, pensar de modo diferente é ser agente do inimigo. Assim, assiste-se, nas eleições, uma violência em espiral, fazendo infundir medo nos seus adversários. “As eleições que deve-



riam funcionar como um tribunal para julgar o governo, transformam-se em encenação política para dizer aos doadores que aqui também se dança a música da democracia. Os problemas dos moçambicanos são agravados pelos países que apoiam as falcaturas eleitorais da Frelimo”, referiu a fonte.

Edwin vai mais longe e afirma que a solução de tudo isso está na mudança radical das mentalidades, na alteração profunda da Constituição da República, uma nítida separação de poderes, redução dos poderes conferidos à figura do Presidente da República, implantação de um sistema semi-presidencialista.

“O chefe de Estado deve deixar de indicar reitores de institutos públicos, presidentes

dos tribunais, implementar uma política para eleger os governadores de província. Implantar um sistema eleitoral independente dos demais poderes estatais, diferentemente do que se passa agora, em que a Frelimo domina os órgãos eleitorais” disse Edwin. No entender do jornalista, a paz e o desenvolvimento jamais serão uma dádiva divina, mas um esforço colectivo da sociedade, onde ninguém se sente discriminado nem rejeitado por não pertencer ao partido no poder.

“Assim, teremos uma sociedade justa onde ninguém ganha tudo nem ninguém perde tudo. Para que haja alterações profundas que possam democratizar o país e as instituições, o primeiro passo tem

que ser o de remover a Frelimo do poder, pois nenhum partido aceita, livremente, rejeitar o seu passado, principalmente, quando esse passado o beneficia grandemente”.

Tensão política no país Quanto aos conflitos que se têm registado, um pouco pelo país, o escriba defende que a oposição deve despir as suas manias, por vezes, mesquinhas, e começar a ver que o adversário político é comum e, gerador dos conflitos sociais, políticos e económicos.

“Será um equívoco pensar que o problema do país ficará resolvido com um simples telefonema entre Nyusi e Dhlakama. A troca de chamadas telefónicas já aconteceu muitas vezes, porém, o problema principal ainda persiste. O descon-

tentamento popular vai aumentar cada vez mais, a corrupção a generalizar-se, os massacres, raptos e as valas comuns multiplicam-se”, lamentou o jornalista Edwin.

No entender do jornalista o afundar do país aconteceu porque o presidente tem excessivos poderes que o levam a acreditar que pode vender o país sem ser indagado.

“Nyusi e Dhlakama podem telefonar-se um ao outro quantas vezes entenderem, e até as armas podem deixar de cantar, contudo, teremos uma paz momentânea porque o silêncio das armas não resolve o problema que é a Constituição, que permite a prática de injustiça política, social e económica. A constituição faz do Presidente um ser absoluto”, disse.

Edwin mostrou-se preocupado com as futuras gerações, que podem julgar os políticos de hoje pela sua contínua insolência política perante o imperativo nacional, o de libertar o povo das garras dos que vendem o país em hasta pública, como se de ferro velho se tratasse.